

«E a mãe de Jesus estava lá» (Jo 2,1).

O diácono e o estilo mariano de servir

Pedro Valinho Gomes

«Celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá.»
(Jo 2,1)

Viver o escândalo do Cristo nu

O que significa *servir*?

A pergunta, atirada à queima-roupa, pode parecer estranha. Mas o que significa, de facto, essa palavra que, de tão entranhada no léxico cristão, talvez tenha já perdido a frescura da novidade e tenha, por isso, deixado de nos despertar a atenção? O que conta a história d'*aquele que serve*? Para que serve a história de quem se dedica à *diakonia*? Que diz ela ao mundo pós-moderno e pós-narrativa?

Tomamos habitualmente como modelos de vida os heróis, esses que têm poder e que triunfam sempre com uma força insuperável. Os heróis alimentam o nosso desejo de afirmação, a ânsia de que a nossa vontade seja feita. Se alguma coisa podemos dizer à partida sobre o diaconado é que o diácono não é chamado a ser herói. É, antes, chamado a ser isso mesmo: *diácono*, isto é, *servo*. É aquele que faz da sua vida um despojamento para que não se faça a sua vontade, mas a do Pai. Neste sentido, os diáconos são, pelo menos aos olhos do mundo, uns *fracassados*. [Se serve de algum consolo, no que diz respeito a este juízo do mundo, diria que ele não se limita aos diáconos, mas que é extensível a todos os cristãos.] Porque o nosso mundo e o tempo em que vivemos é, como bem dizia o teólogo Stanley Hauerwas, o mundo e o tempo em que «acreditamos que não devíamos ter outra história do que a história que escolhemos quando não tínhamos história»¹.

O discipulado do Cristo é precisamente a proposta de uma outra história em que o serviço assume papel central. E servir é não fazer a sua própria vontade, mas a daquele a quem se serve. O discipulado do Cristo é o assumir da história de um outro, o próprio Cristo. E talvez nenhuma passagem do evangelho nos diga de forma tão frontal o que

¹ Stanley Hauerwas, “Abundant life”. Trinity Institute, *The Good News Now – Evolving with the Gospel of Jesus*.

implica o serviço como a história do escândalo do Cristo nu, contada no capítulo 13 do evangelho de João, na cena que conhecemos como o lava-pés.

Conhecemos bem a passagem: Jesus, que a meio da ceia, se levanta e se desnuda para lavar os pés dos seus discípulos.

Mas podemos ler a passagem como uma história edificante. Ouvimo-la e vivemos as vidas que viveríamos de qualquer modo, confortados por Jesus nos assegurar a vida depois da morte. Nesta leitura, Jesus não faz qualquer reivindicação particular em relação aos nossos estilos de vida a não ser que mantenhamos as nossas promessas e que honremos aqueles que merecem a nossa honra e o nosso respeito. Olhamos para a história do lava-pés e pensamos na importância da humildade, na importância de, apesar do sucesso na minha história de vida, da minha realização profissional, dar algo de volta à sociedade, pensar no pequeno, ajudar os sem abrigo ou angariar fundos para uma instituição de solidariedade em dificuldade. [A imagem do padre ou do diácono que, de vez em quando, no final de um evento paroquial fica a limpar o salão ou lava os pratos depois de um almoço comunitário é, sem dúvida, uma imagem edificante].

Temos um nome para este modo de estar e esse nome é *serviço*. Falamos de liderança no serviço e de ministério de serviço. Admiramos a forma como Jesus, que afinal era um homem muito ocupado, se dá ao trabalho de oferecer um exemplo tão admirável de como um líder deve, de vez em quando, oferecer um pouco de serviço.

Esta seria uma história edificante: não muda significativamente as nossas vidas; pelo contrário até as confirma, porque Jesus dá a vida para garantir que não temos de dar as nossas, e a nossa forma de mostrar a nossa gratidão e humildade de quando em vez é dar algo de volta e ajoelhar-nos e fazer um pouco de lava-pés, pelo menos de forma figurativa.

Mas o evangelho não se faz de histórias edificantes. No capítulo 13 do evangelho de João, Jesus ajoelha-se e lava os pés dos discípulos. No capítulo anterior, Maria de Betânia ajoelha-se e lava os pés de Jesus com os seus cabelos. Há muitas razões para considerar escandaloso o que esta mulher faz: o perfume é um gasto terrível de dinheiro e a intimidade erótica da ação é completamente inapropriada. Mas Jesus elogia Maria por uma única razão. *Apenas ela compreendeu que Jesus está para morrer*. Ela lava os seus pés para o preparar para o funeral. E um capítulo depois, temos o segundo lava-pés. E por muito que gostássemos de ler esta história como uma lição edificante de humildade, de liderança no serviço, o evangelho diz que esta cena do lava-pés significa em grande

medida o mesmo que a cena de lava-pés anterior. Jesus está a dizer: «Maria preparou-me para morrer. Agora eu estou a preparar-vos para morrer».

Vejamos brevemente a história escandalosa do Cristo nu.

O lava-pés era, em Israel, um sinal de hospitalidade e de acolhimento (cf. Gen 18,4; 19,2; 24,32 al). As normas culturais sugeriam que fosse oferecida água a um convidado, à sua chegada a casa, para que ele pudesse lavar os seus próprios pés. Em certas ocasiões, era também usado como sinal de respeito, submissão e veneração de um discípulo em relação ao seu mestre.

O gesto de Jesus, na cena do evangelho de João, trai todo este enquadramento cultural: o lava-pés acontece «durante a ceia» (v. 2) e não à chegada dos discípulos a casa; e a tarefa é desempenhada pelo mestre para com os discípulos e não ao contrário. Percebemos todas estas anomalias nos gestos de Jesus (vv. 4-5): Jesus ergue-se da ceia, despe as suas vestes, cinge-se como um servo, coloca água numa bacia e ajoelha-se aos pés do primeiro discípulo. Tudo isto «enquanto celebravam a ceia».

Proponho que fixemos o olhar neste escândalo do Cristo despido. A exegese do texto aponta-nos para uma atitude verdadeiramente insólita de Jesus, que – ao contrário do que é vertido na maioria das traduções modernas do texto – não despe apenas o manto, mas deixa de lado as suas vestes. É um Cristo nu que temos diante de nós.

Há algo de anormal na escolha do verbo grego *tithesin*, que aqui traduzimos por “despir” mas que significa usualmente “depositar”, “colocar”. Este não era o verbo mais esperado para esta descrição. É com este verbo que o evangelista João afirma que Jesus entrega a sua vida, que ele se despe da sua vida (cf. 10,11. 15. 17. 18: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas»). E, depois do lava-pés, as vestes de Jesus só serão novamente despidas – utilizando o mesmo verbo – na crucifixão (cf. Jo 19,23-24).

O escândalo da nudez do Cristo é já sinal do escândalo da cruz. Diante do Cristo nu, desse que sendo «de condição divina [...] esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo», somos tomados pela surpresa e pelo escândalo, tal como Pedro. Mas talvez seja este precisamente um convite a compreender que *a vida em Deus e o serviço a que me chama não é outra coisa que este exercício contínuo e ousado de me despir diante do Deus que se despe diante de mim e por mim.*

Pedro, sempre tão espontâneo e genuíno, não só não compreende a intenção de Jesus ao lavar-lhe os pés naquelas circunstâncias completamente inapropriadas, mas está também

atônito com aquilo que para ele representa um reverso evidente dos papéis naquela cena: «De maneira nenhuma tu nunca lavarás os meus pés» (v. 8).

Jesus não se ocupa a explicar-se. Ele sabe que é apenas «depois destas coisas» que os olhos dos discípulos se abrirão. Mas diante da objeção categórica de Pedro expõe a necessidade do gesto: «Se eu não te lavar, não terás parte comigo» (v. 8).

Se ainda houvesse dúvidas, torna-se agora evidente que esta não é uma qualquer lavagem. Nem sequer é uma simples representação dramática da humildade de Jesus. Trata-se de algo muito mais fulcral. É de comunhão com Jesus que se trata. A palavra «parte», ou «herança» revela um manancial extraordinário de significado: é com esse termo grego que, na tradução dos LXX, se traduz “heleq”, o termo hebraico que significa a herança que Israel recebe de Deus na Terra Prometida.² O que o lava-pés oferece é uma parte, uma herança com Jesus. Uma terra prometida no colo de Deus. O *húmus* que dá sentido à humanidade que somos.

Mais tarde, no discurso de despedida, Jesus há de referir-se à união dos seus discípulos consigo com estas palavras (cf. 13,20; 14,3.20.23; 15,4; 17,24 al): «Pai, desejo que aqueles que me deste *estejam comigo onde eu estou*» (17, 24). É de importância vital que Jesus lave os pés de Pedro, não porque a lavagem o purifique de impurezas físicas ou morais, mas porque é sinal do dom até ao extremo do próprio Deus, o Altíssimo, que, despido da sua condição, se *azera* ao ponto de se fazer Baixíssimo para preencher de vida os que se abram ao seu dom.

O lava-pés aponta para o evento da cruz que é salvífico precisamente por ser manifestação de amor. Recusar o dom de Jesus na cruz representa excluir-se da herança. Aceitá-la é responder com amor ao amor, como Jesus torna claro: «como eu vos fiz, fazei vós também» (v. 15). *A fé enquanto aceitação do amor de Jesus torna-se amor para a fé dos outros.*

E isto mesmo num contexto de negação e de traição na comunidade. Pelas mãos do Cristo nu passam os pés dos discípulos, entre os quais são explicitamente mencionados Pedro, que virá a negar por três vezes a sua relação com Jesus (13,38), e Judas, que virá a trair essa relação, entregando-o para ser preso (13,2.11.18-19.21-30). Também eles vêm os seus pés lavados. É a toda a comunidade dos discípulos – que é sempre selada pela desavença e pela traição – que é oferecida uma parte com Deus. Se queremos imagem da misericórdia, aqui a temos: um Cristo nu, aos pés de Pedro e Judas, a cuidar dos seus pés, que é como quem diz, a dar a sua vida por eles até à morte.

² Cf. Num 18,20 e Deut 10,9; 12,12; 14,27.29; 18,1-2.

Tal como no mandamento do amor (13,34), também no lava-pés, o dom de Jesus faz-se medida do amor dos discípulos. Os discípulos são convidados a fazer como Jesus fez: «Dei-vos um exemplo, para que como eu vos fiz, vós façais também».

O termo algo incomum *ypodeigma*, que traduzimos por “exemplo”, é aplicado, na tradução dos LXX, a passagens que apelam aos Israelitas a terem uma morte exemplar (cf. 2 Macc 6,28.31; Sir 44,16). Jesus toca aqui de novo o escândalo. O que, na verdade, ele pede dos seus discípulos não é uma repetição ritual do seu gesto. Ele convida-os a nada menos do que a imitação do seu amor sacrificial, do seu serviço até ao extremo, estando mesmo dispostos a dar a vida uns pelos outros. Aquele que assume uma parte com ele, a sua herança, dispõe-se a fazer da vida uma oferta pelos demais.

Esse amor é refletido na vida e nas celebrações cristãs. A vida eucarística é a vida impulsionada pelo exemplo do lava-pés. O chamamento ao discipulado cristão é, por isso, um chamamento a tornar-se um escândalo, na imitação do gesto de Jesus. Na comunidade, porém, o escândalo é compreendido como a única forma possível de se viver a vocação à herança de Deus.

O que espera a igreja da *diakonia*? Que seja esta história escandalosa do Cristo nu aos pés dos discípulos. Que a história do diácono seja sinal para a igreja. A igreja olha para a *diakonia* em busca de um paradigma do que significa servir a Deus e à comunidade, hoje.

2.

Maria como estilo

O estilo de Maria não é o da história edificante, mas o da mulher que não vive para si mesma.

Talvez a história que importa contar ao nosso tempo – «cujo valor moral mais elevado foi determinado ser, por um consenso esmagador, a liberdade absoluta da vontade pessoal, o poder de cada um escolher aquilo que acredita, quer, precisa, ou deve possuir»³, ao nosso tempo que se alimenta do desejo do herói, daquele que conquista

³ David Bentley Hart, *Atheist Delusions. The Christian revolution and its fashionable enemies*, Yale University Press: New Haven & London 2009, 21-22.

espaço aos outros para o império da sua vontade –, seja a do coração da mulher cuja façanha maior foi a de desistir de ser heroína.

A tradição da igreja atribui inúmeras titulações à mãe de Jesus, incluindo a de Rainha e de Senhora. E talvez isto nos surpreenda. Na narrativa das aparições de Fátima, por exemplo, é a própria Senhora do Rosário quem afirma algo surpreendente: «Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará».

Supreende-me esta associação tão pouco usual, do coração ao triunfo. Habitamo-nos a olhar o triunfo como vínculo do herói, e eis que a Senhora nos apresenta um coração sem mancha, cravado de espinhos, como sinal que alimenta a esperança na vitória. Habitamo-nos a esperar o triunfo do forte, o sucesso do eficaz, a vitória que é derrota do outro e somos confrontados com um sinal cravado pelas marcas do insucesso, do sofrimento, do drama. Samuel Wells recorda-nos que «o herói é ainda, de muitas formas, o modelo para que olhamos na sociedade contemporânea [...]. Todos sentimos que, na nossa geração, a nossa tarefa é fazer com que a história corra bem; isto significa que as histórias são contadas em torno dos heróis, e são-no para enaltecer as suas virtudes – porque, se o herói falhasse, tudo estaria perdido»⁴.

Mas o coração da mulher de Nazaré não tem sucesso ou eficácia para oferecer. Maria não é heroína na nossa história de salvação. E, portanto, como triunfa um coração sem mancha cravado de espinhos? Quando o coração leva consigo a marca da dor e do sofrimento, que triunfo tem a oferecer? Como derrotará aqueles que há a vencer, se não se reveste dos sinais da força, do poder, da conquista? Que vitória poderá ser essa senão a do santo, cuja história de vida é essencialmente não sobre o sucesso pessoal, mas sobre a intimidade preenchida pelo mistério de Deus e a disponibilidade para oferecer a vida em prol dos demais? O coração sem mancha não triunfará certamente ao jeito do mundo. Por fim, triunfará como o mundo não o esperaria. Esperar o triunfo do coração é, num sentido muito próprio, esperar contra toda a esperança. Samuel Wells sabe distinguir o herói do santo: «um santo pode falhar de uma forma que o herói não pode, porque o fracasso de um santo revela o perdão e as novas possibilidades criadas por Deus, e o santo é justamente uma pequena personagem de uma história que, fundamentalmente, gira sempre à volta de Deus»⁵. O jeito do santo é o jeito do Cristo,

⁴ Samuel Wells – Stanley Hauerwas, *Theological Ethics*, in Rupert Shortt, ed., *God's advocates. Christian thinkers in conversation*, Darton, Longman and Todd: London 2005, 180.

⁵ Samuel Wells – Stanley Hauerwas, *Theological Ethics*, 180.

que não se mede pelos critérios da lógica de domínio e de poder, mas pela lógica do cuidado e do dom.

Talvez apenas neste sentido se possa associar o coração ao triunfo, como quem assume o paradoxo da vida em Deus, cantado no *magnificat*, da queda dos poderosos dos seus tronos de domínio e violência e da exaltação dos simples e dos humildes num triunfo transfigurado. Por isso, porque o seguimento do Cristo se faz com o tom assumido deste paradoxo, talvez nada ilustre melhor o projeto do discipulado cristão do que a imagem do coração.

Mas, pode uma história prescindir de heróis e de vencidos?

Maria, mãe e discípula do Cristo, ajuda-nos a encontrar resposta. Eis a mulher de que o evangelho guarda memória mais nas entrelinhas do que nas afirmações. Sabemos tão pouco sobre Maria. E, no entanto, este quase-silêncio fala-nos tanto dela quanto o que dela é dito. Este quase-silêncio sobre quem foi, quem é Maria diz-nos que ela não é protagonista da sua história. Diz-nos que aqui ninguém se encontra num caminho de heroicidade. Diz-nos que há algo bem mais definitivo a selar a sua vida, que é o caminho da santidade.

Procuramos os detalhes sobre Maria nas páginas dos autores sagrados, como quem quer saber mais sobre uma das personagens principais da história com que narramos a nossa fé, apenas para compreender que a sua vida não gira em torno da sua vontade e das suas conquistas heroicas ou mediáticas e que, por isso, o que dela há a dizer não é sobre ela, mas sobre o próprio Deus que, de um jeito muito fundamental, é o centro da sua história.

É essa a lição da anunciação. Retemos o seu *fiat* como sinal do seu protagonismo na boa nova; mas esse momento não foi procurado ou desejado, não foi fruto de um projeto ou de uma esperança de Maria, não leva a marca do seu planeamento ou de obra sua. «Antes pelo contrário, dado que Maria avança mesmo a impossibilidade real de tal poder vir a acontecer: “Como poderá isso acontecer, pois não conheço homem?” (Lc 1,34)»⁶. É apenas na medida em que escapa às fronteiras acanhadas da autorreferência, que o milagre se dá, que Maria reconhece, na presença do Outro, a vontade que há a cumprir

⁶ António Couto, Maria, Mãe de Misericórdia, Mulher Eucarística. *Atas do IV Congresso Eucarístico Nacional*, Editorial A.O., Braga 2016, 44-45.

para que chegue a gerar-se nela a vida plena. A sua força encontra-se na fraqueza assumida como compromisso diante de Deus. O vínculo do seu triunfo é a sua rendição. Assumir o risco de se perder: é precisamente aquilo que fora pedido a Abraão que, à voz de Deus, se prontifica a sacrificar o seu próprio filho desejado toda a vida e alcançado como bênção na velhice. Fora, aliás, apenas quando não podia ser mais desejado, quando não significava já fruto da sua vontade, que o filho lhe fora dado, como dom e graça. Aquilo que realmente sela a atitude de Abraão face ao pedido do sacrifício não é a resposta incondicional ao desejo tirano de um Deus absurdo, mas a certeza profunda, certamente alimentada na intimidade pelo afeto de Deus, de que «o Senhor providenciará» (Gn 22,14). A obediência do coração consagrado é esta experiência de que Deus habita até o que eu não compreendo, e isso basta!

Assim se define Maria: nesta atitude crente fundamental, de quem se compreende dinamizada pelo Espírito de Deus para viver o que há a viver, no silêncio, no *azeramento*, na quase-insignificância, no apagamento. Esta mulher não tem coração de heroína. Não alcançou nada, senão a vida em Deus. Tem um rosto para o qual olhamos com enlevo, mas que sabemos que, aos olhos do mundo, representa o fracasso. É apenas à luz do Ressuscitado que encontramos no seu rosto a fidelidade a um convite de Deus que se torna para nós sinal daquilo a que somos chamados.

O estilo de Maria é o estilo do Cristo. No deserto, o herói seria aquele que transformaria pedras em pão, que manifestaria diante de todos os seus poderes, que tomaria posse de tudo o que as suas capacidades pudessem alcançar. Mas o Cristo também não é herói. Não temos um herói para apresentar, apenas a imagem de um coração obediente que, ao jeito do Cristo, é modelo de um outro jeito de viver. Aos olhos do mundo, ele não é mais do que sinal do fracasso humano. Não tem poder nem riqueza, não promete sucesso nem vitórias. E, no entanto, se Cristo tem uma *lógica* a oferecer é esse *ethos* paradoxal de que a vida se ganha, perdendo. O santo alimenta-se de um outro pão, amassado no afeto da relação, e fermentado na disponibilidade para o dom de si.

Se este coração *fracassado* tem algum valor é porque aponta para Deus. É porque oferece um rosto muito visível ao que cada cristão e a Igreja toda são chamados a viver em cada momento. É porque convida, por sedução: *sursum corda*.

[Creio que vale a pena recordar a história apagada de Maria quando nos paramos a fazer diagnóstico da situação presente da igreja e a esboçar planos pastorais que procuram sucesso e eficácia. Porque é que na igreja do ocidente sentimos, hoje, uma estranha sensação de pânico? Porque estamos a enfrentar um declínio numérico? Porque é que isso é um problema? O cristianismo não é menos verdade por ser menos acreditado. A razão pela qual é um problema é talvez porque interiorizamos desde há muito que é suposto sermos enormes, que é suposto sermos importantes, que é suposto termos papel relevante no palco nacional, que é suposto sermos uma voz reconhecida pelas pessoas. E aquilo que nos é pedido à igreja é apenas que seja sinal da vida em Deus, desse Deus da *kenose*.]

3.

A diakonia como presença apagada

O texto das bodas de Caná dá-nos uma boa oportunidade para olhar o estilo desta mulher que assume a vida como *diakonia*.

A história das bodas de Caná é, como bem sabemos, história sobre a aliança entre Deus e o seu Povo. É a esta aliança que, em certa altura, vem a faltar o vinho, vem a faltar o amor e a intimidade, a confiança e a atenção, a alegria, o encontro e a festa. Falta o vinho que alegra a aliança. Falta também algo àquilo que ali existe. O que ali existe são «seis talhas de pedra destinadas à purificação dos judeus». Mas estão vazias. São reflexo da aliança que perdeu encanto, são sinal do desencontro entre o Povo e Deus. As talhas de pedra são à medida dos corações de pedra do povo de Deus: capazes de conter tanto, mas teimosamente vazias.

É, portanto, de aliança que fala o texto. Há ali uma *mãe*, que *está lá*. Ela *está lá* como quem não pode estar num outro qualquer lugar, como quem sabe que é ali que é de estar, como quem sabe que tudo gira em torno da aliança. Só esta *mãe*, que *está lá* sem querer estar num outro qualquer lugar e sem querer fazer nada mais do que *estar lá*, é capaz de entrever o que ninguém mais compreendeu: que a aliança já não tem vinho. É preciso *estar lá*, *estar com*, *estar para*, para se chegar a intuir a intimidade dos que são próximos, da comunidade, para se escutar os seus gritos mudos, para se compadecer das suas necessidades e errâncias.

Também lá está o *Filho*. E a *mãe que está lá* sabe que o que há a fazer é fazer tudo o que o Filho disser. Que nada mais interessa à aliança, porque é o único caminho para a aliança:

fazei tudo o que ele vos disser. A mãe que está lá não decidiu, como poderia ter decidido, apostar na resolução, por si mesma, do problema que afetava os anfitriões daquela boda através de um plano estruturada para a eficácia e o sucesso. A sua *diakonia* passa por desistir do protagonismo e da eficácia para assumir-se como parte integrante da história fundamental em que Deus é protagonista que é a história da salvação.

[Pergunto-me frequentemente como avaliamos nós, cristãos, os nossos planos pastorais. Talvez por vezes nos sintamos tentados a avaliar o trabalho na igreja com a medida do sucesso. Nós, que aparentemente temos uma doutrina a oferecer, fazemos publicidade dela, inventamos novos métodos de marketing, procuramos convencer o maior número de pessoas, e medimos o nosso sucesso pelo número daqueles que aderem ao nosso produto. Nesta nossa campanha promocional, Jesus Cristo é o nosso herói de serviço, que promete sucesso a todos os que a ele aderem, e o bônus de uma vida eterna.

Entretidos nesta propaganda, esquecemo-nos frequentemente que este modelo é o modelo do mundo e não o modelo da Igreja, como nos recorda Fabrice Hadjadj: «[Este modelo] leva a crer que a evangelização se faz principalmente através da recuperação de meios mundanos, mudando Coca-Cola por Jesus Cristo. Fazemos como qualquer outra empresa, embora com um pequeno atraso, porque os filhos deste mundo são mais hábeis que os filhos da luz (Lc 16,8). Pouco importa. Encontraremos sempre um professor de teologia pastoral para explicar: «Se S. Paulo vivesse hoje, sem dúvida que utilizaria a internet e o Facebook para divulgar a mensagem.» Pois seja. Mas é isso o principal? E será o Evangelho uma «mensagem» a comunicar?»

A fé em Cristo não é adesão a uma mensagem, mas a uma pessoa, o próprio Cristo. E, por isso, o serviço do Evangelho não consiste antes de mais em comunicar uma mensagem, mas em comungar da vida do outro e dar-lhe a comungar da nossa vida tocada pela vida plena que só Deus dá. E, assim, avaliar os frutos do nosso trabalho pastoral não é tanto procurar o sucesso no número daqueles que convencemos, mas dar de si, dispor-se ao serviço, ser presença de Deus, comprometer-se com o mais frágil dos frágeis.]

É essa a lição de Maria em Caná.

O Filho foi convidado a fazer-se presente na boda e a *mãe*, que vê a errância dos corações, convida-o também a trazer vinho àquela aliança, a fazer brotar vida nova da

escassez daquela boda, da falta de vinho, das talhas vazias. Da velha aliança, à que vem a faltar o amor e a intimidade, a confiança e a atenção, a alegria, o encontro e a festa, o Filho há de fazer caminho para a alegria e para a bênção. E há de fazê-lo em superabundância: as vasilhas de pedra continham centenas de litros e esta incompreensível abundância de vinho diz que o nosso Deus é um Deus do excesso, da superabundância, que da escassez faz graça.

O sucesso da história de Caná não é tanto o seu final feliz, quanto a presença de Deus em superabundância. E essa presença superabundante é mediada pela presença apagada daquela que serve, pela confiança que habita o coração de uma mulher que sabe que, mesmo na situação mais incompreensível e intolerável – como uma festa em que vem a faltar o vinho –, mesmo quando Deus parece distante – como quando Jesus se pergunta o que tem isso a ver com ele –, a vida será tocada pela bênção e pela alegria, porque Deus é fiel e vela pela sua aliança.

A *diakonia* é esta presença apagada que, porque não procura protagonismo chega aos lugares mais recônditos da humanidade. Simplesmente porque as periferias são lugares da encarnação e aí se vive a *kenose*, o apagamento de quem se dispõe a dar a vida, como Maria, como o Cristo nu.